

### AMPLIAÇÃO DA ÁREA DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE *ARACHIS VILLOSULICARPA* HOEHNE.

PLANTA SOB CULTIVO ENTRE OS ÍNDIOS YAWALAPITI E WAURÁ, NORDESTE DO ESTADO DO MATO GROSSO – BRASIL

Fábio Oliveira Freitas

## Resumo

Neste trabalho, relatamos o encontro de plantas identificadas como *Arachis villosulicarpa* Hoehne, sob cultivo entre os índios Waurá e Yawalapiti, residentes no Parque Indígena do Xingu, na região Nordeste do estado do Mato Grosso, Brasil. Até então, a área de distribuição conhecida desta espécie era confinada à parte oeste daquele estado. O encontro desta espécie mais a leste não apenas amplia a área de ocorrência conhecida da espécie, como traz desdobramentos em

termos de relações e migrações de populações indígenas do passado.

## Introdução

*Arachis villosulicarpa* Hoehne é uma das três espécies do gênero *Arachis* sabidamente domesticadas pelo homem. Encontrada primeiramente sob cultivo entre os índios Nambiquara (família lingüística Nambiquare) e Menki (língua Irântxe), é uma espécie não conhecida em estado silvestre, sendo que se considera que a espécie mais relacionada a ela seja

<sup>1</sup>Engº Agrônomo, Dr. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. E.mail: Fabio@cenargen.embrapa.br

*Arachis Pietrarellii* Krapov. & W.C. Gregory (Krapovickas & Gregory, 1994; Galgaro et al, 1997, 1998).

A distribuição geográfica desta espécie cultivada é definida, até o presente, como sendo limitada à parte centro-oeste do estado do Mato Grosso, Brasil, nas proximidades do rio Juruena e no extremo leste do estado de Rondônia (Krapovickas & Gregory, 1994). Quanto ao parente selvagem, sua distribuição se localiza na parte centro sul do estado do Mato Grosso, expandindo-se até o leste, incluindo o vale do Rio Araguaia (Galgaro et al, 1998). Portanto, as duas espécies não simpáticas hoje em dia, salientando a influência do homem no processo evolutivo e de difusão da espécie cultivada.

*Arachis villosulicarpa* é uma espécie perene, diplóide ( $2n = 20$ ), pertencente à seção Extranervosae, distinta da seção Arachis, à qual pertence o amendoim cultivado. A seção Extranervosae é exclusiva do Brasil, perfazendo nove espécies, todas diplóides, sendo considerada uma das seções mais primitivas do gênero (Krapovickas & Gregory, 1994; Valls & Simpson, 1994).

## Objetivo

Neste trabalho apresentamos o relato do encontro de *A. villosulicarpa* sob cultivo

entre os índios do Alto Xingu, na parte nordeste do estado do Mato Grosso, ampliando assim não apenas o limite geográfico de ocorrência comprovada da espécie, mas também, a abrangência cultural de uso desta espécie por distintas etnias indígenas.

## Resultados e Discussão

A espécie *A. villosulicarpa* foi encontrada sob cultivo entre os índios Waurá e Yawalapiti, ambos da região do Alto Xingu (figura 1 e 2).



Figura 1. Sementes de *A. villosulicarpa* obtidas após multiplicação de amostra coletada sob cultivo entre os índios Waurá.

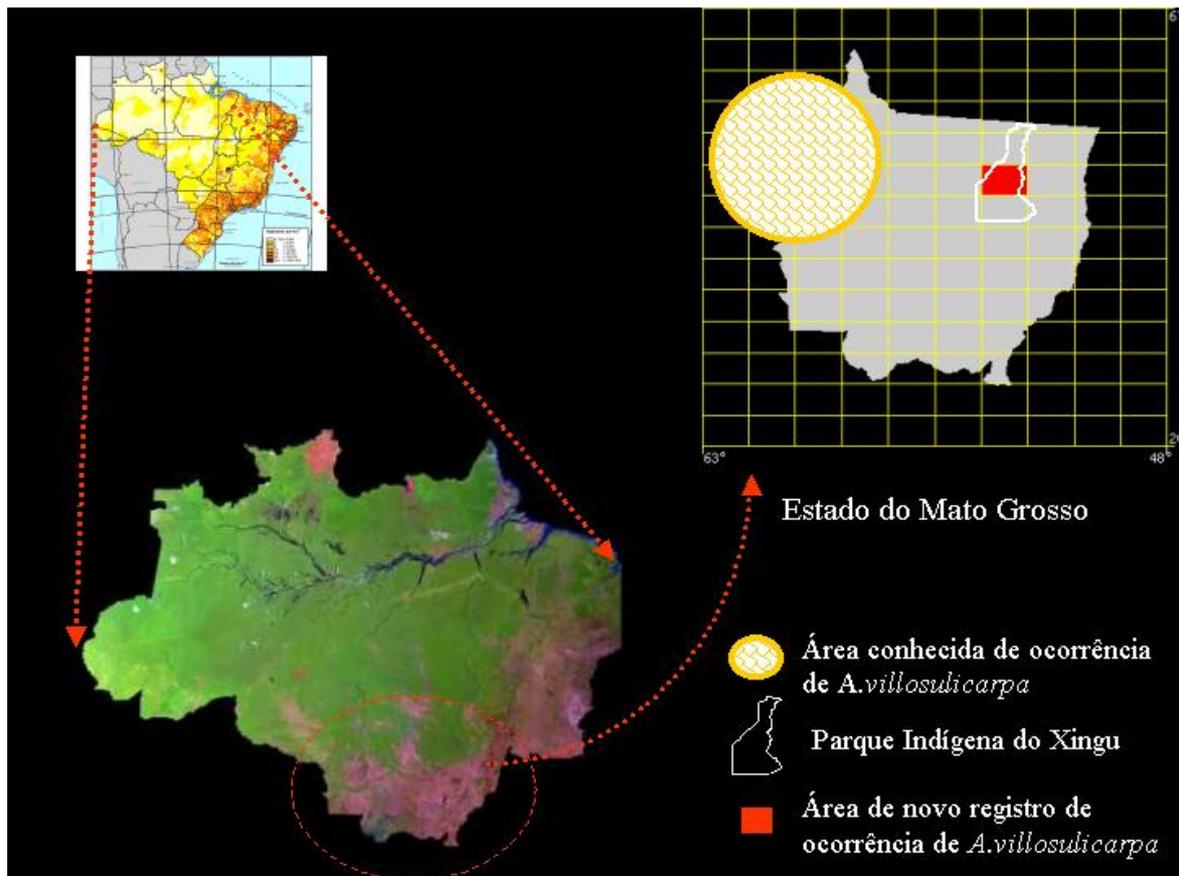


Figura 2. Apresentação da localização da região de registro de nova ocorrência de *A. villosulicarpa*. Em detalhe no mapa se apresenta o Estado do Mato Grosso, onde a área delimitada pelo círculo, em amarelo, se refere a região reconhecida pela literatura científica de ocorrência da espécie, até o momento. No quadrado, em vermelho, apresentamos a nova região onde a espécie foi encontrada, sob cultivo, nas aldeias Waurá e Yawalapiti, no Parque Indígena do Xingu.

Estas duas tribos pertencem a família lingüística Aruak, assim como também os índios Mehinako, residente no Xingu, e índios Pareci e Enawene-Nawe, sendo que todas estas cinco etnias são classificadas/reunidas como sendo os Mairupe Centrais, devido a proximidade lingüística entre elas (Franchetto, 2001). As duas últimas habitam na região oeste do estado do Mato Grosso, próximo a região habitada pelos Nambiquara e Menki, de onde as primeiras plantas de *A. villosulicarpa* foram

coletadas (Hoehne, 1994; Galgaro *et al.*, 1997, 1998).

O Parque Indígena do Xingu, situado na região Norte-Nordeste do estado do Mato Grosso, foi oficialmente criado no dia 14 de abril de 1961, através do Decreto 50.455, durante o efêmero governo do presidente Jânio Quadros, após mais de 10 anos de trabalho intenso dos irmãos Villas Boas, do Marechal Rondon, de Darcy Ribeiro, Noel Nutels, Café Filho dentre

outros, possuindo uma área de cerca de 30.000 km<sup>2</sup>, como apresentado na figura 2 (Novaes, 1985).

Em termos florísticos, o Parque se encontra em uma zona de transição entre os biomas Cerrado, ao sul, e a Floresta Amazônica, ao norte. Os rios Kuluene, Ronuro e Batoví se encontram dentro do Parque para formar o rio Xingu, cujo destino final é o rio Amazonas. Outros importantes rios desta bacia que cortam o parque são: Suiá-Missu, Maritsauá-Misú, Jarina, e Tatuari.

A região foi primeiramente visitada e documentada em 1884, por Karl von den Steinen, que descreveu diversas tribos da área, e que, ainda hoje permanecem ali, como os Kamaiurá, Suiá, Yawalapití, Waurá, registrando a sua localização geográfica e os seus costumes (Steinen, 1942).

Atualmente, no Parque, vivem mais de 4.000 índios de 14 etnias distintas, pertencentes a seis troncos lingüísticos, demonstrando a grande diversidade cultural ali concentrada, algumas delas moradoras antigas do local, como os Yawalapiti e Waurá, sendo que outras etnias foram remanejadas para o parque após sua criação oficial, em virtude dos conflitos de terra com fazendeiros, como é o caso dos Kayabí (Villas Boas & Villas Boas, 1976; Ferreira, 1994).

Registros arqueológicos demonstram que os Waurá são moradores antigos da região do Parque, já se estabelecendo ali entre os anos 1000 e 1600 D.C. (Depois de Cristo). Os registros arqueológicos ainda apontam que esta etnia anteriormente vivia, entre os anos 800 e 900 D.C., na região oeste do estado do Mato Grosso (região sudoeste da Amazônia), próximo de onde hoje vivem os Nambiquara e que, posteriormente, migraram para leste. Deste modo, historicamente esta etnia pode ter tido um contato antigo com esta espécie cultivada e a trazido consigo para o Xingu em sua mudança/ migração. Relatos de membros desta etnia indicam o uso desta espécie como historicamente antigo. Ou seja, os registros arqueológicos mostram que os Waurá viviam mais a oeste, dentro da área geográfica atualmente considerada de ocorrência de *A. villosulicarpa* (Neto, 2004). Estes mesmos vestígios arqueológicos apontam que a área de abrangência desta cultura, em tempos antigos, chegava até a Bolívia e o estado do Acre, abrangendo a borda sul amazônica, reforçando a possibilidade de contato, troca e difusão de amostras de *A. villosulicarpa* entre os diversos povos que viviam nesta extensa área.

Deste modo, este trabalho documenta uma ampliação da área de ocorrência conhecida de *A. villosulicarpa*, atingindo a parte nordeste do estado do Mato Grosso,

Brasil, na região conhecida como Alto Xingu. É também proposto a ampliação dos grupos indígenas que utilizam tradicionalmente esta planta.

### Agradecimentos

Agradecemos imensamente o apoio e ajuda do Dr José Francisco Montenegro Valls e da Dra Andréa Del Pilar de Souza Peñaloza na identificação das amostras coletadas. Ainda, agradecemos imensamente aos índios das aldeias Waurá e Yawalapiti, que gentilmente nos acolheram e forneceram amostras desse material.

### Referências bibliográficas

- FERREIRA, M.K.L. 1994. **Histórias do Xingu**. NHII/USP e FAPESP. São Paulo, 239p.
- FRANCHETTO, B. Línguas e história no Alto Xingu. In: FRANCHETTO, B.; HECKENBERGER, M. (Orgs.). **Os povos do Alto Xingu**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. p. 111-56.
- GALGARO, V; VALLS, J.F.M.; LOPES, C.R. Study of the genetic variability and similarity among and within *Arachis villosulicarpa*, *A. pietrarelli* and *A. hypogaea* through isoenzyme analysis. **Genetic Resources and Crop Evolution**, v. 44, p. 9-15, 1997.
- GALGARO, V; LOPES, C.R.; GIMENES, M.A.; VALLS, J.F.M.; KOCHERT, G. Genetic variation between several species of section *Extranervosae*, *Caulorrhizae*, *Heteranthae*, and *Triseminatae* (genus *Arachis*) estimated by DNA polymorphism. **Genome**, v. 41, p. 445-454, 1998.
- HOEHNE, F.C. Duas novas espécies de Leguminosas do Brasil. **Arquivos de Botânica do Estado de São Paulo**, v. 2, p. 16-18, 1944.
- KRAPOVICKAS, A.; GREGORY, W.C. Taxonomía del género *Arachis* (Leguminosae). **Bonplandia** v.8, p.1-186, 1994.
- NETO, A.B. 2004. **Wauja**. In: <http://www.socioambiental.org>. Acessado em 22 de abril de 2004.
- NOVAES, W. 1985. **Xingu – uma flecha no coração**. Editora Brasiliense S.A. São Paulo, 311p.
- STEINEN, K. 1942. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Tradução. São Paulo: Campanhia Editora nacional (Brasiliana, série extra, 3).
- VALLS, J.F.M.; SIMPSON, C.E. Taxonomy, natural distribution, and attributes of *Arachis*. In: KERRIDGE, P.C.; HARDY, B. (eds.). **Biology and Agronomy of Forage Arachis**. Cali, CIAT, 1994. Chapter 1, p.1-18.
- VILAS BOAS, O & VILAS BOAS, C. 1976. **Xingu – os índios, seus mitos**. Zahar editores. Rio de Janeiro, 211p.

<p>Comunicado Técnico, 106</p> <p>Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento</p>	<p>Exemplares desta edição podem ser adquiridos na Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia Serviço de Atendimento ao Cidadão Parque Estação Biológica, Av. W/5 Norte (Final) – Brasília, DF CEP 70770-900 – Caixa Postal 02372 PABX: (61) 448-4600 Fax: (61) 340-3624 <a href="http://www.cenargen.embrapa.br">http://www.cenargen.embrapa.br</a> e.mail:sac@cenargen.embrapa.br</p> <p>1ª edição 1ª impressão (2004): 150 unidades</p>	<p>Comitê de Publicações</p> <p>Expediente</p>	<p><b>Presidente:</b> <i>Maria Isabel de Oliveira Penteadó</i></p> <p><b>Secretário-Executivo:</b> <i>Maria da Graça Simões Pires Negrão</i></p> <p><b>Membros:</b> Arthur da Silva Mariante Maria Alice Bianchi Maria da Graça S. P. Negrão Maria de Fátima Batista Maria Isabel de O. Penteadó Maurício Machain Franco Regina Maria Dechechi Carneiro Sueli Correa Marques de Mello Vera Tavares de Campos Carneiro</p> <p><b>Supervisor editorial:</b> <i>Maria da Graça S. P. Negrão</i></p> <p>Normalização Bibliográfica: <i>Maria Alice Bianchi e Maria Iara Pereira Machado</i></p> <p><b>Editoração eletrônica:</b> <i>Maria da Graça Simões Pires Negrão</i></p>
---	--	--	--